



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 10 JESUS NO DESERTO¹

Textos-base: Mt 4.1-11; Lc 4.1-13

Alguém poderia esperar que depois daquela demonstração dramática de prazer do Pai em seu batismo, Jesus fosse diretamente para um ministério público e poderoso; mas este não era o caminho de Deus. A primeira coisa que o Espírito que havia vindo repousar sobre Jesus fez foi leva-lo ao deserto para ser tentado por satanás. Isto não significa que houve uma espécie de complô entre o Espírito e o maligno para levar Jesus a pecar, pois a palavra aí também significa testar ou provar. Deus, pelo Seu Espírito, estava dirigindo Jesus a se deparar com um profundo teste espiritual.

Nisso, Jesus repetiu de maneira pessoal o tipo de provação com que tanto Adão como Israel se depararam como “filhos” de Deus, este último durante 40 anos no deserto (cf. Dt 6-80). Aquele “filho” nacional fracassou repetidamente, mas Jesus aqui triunfou ao ser testado. Mais do que o caráter de Jesus estava em jogo nas planícies arenosas da Palestina; a história humana estava na balança. Num jardim, um homem e uma mulher caíram na promessa feita por satanás de um caminho para sobrepujar o estado que lhes fora atribuído. Milênios depois, outro representante – o Segundo adão – enfrentou teste semelhante, embora curiosamente inverso. *Você pode ser igual a Deus?*, a serpente perguntou no Éden. *Você pode ser verdadeiramente humano?*, perguntou o tentador no deserto.

A maneira pela qual o maligno se aproximou de Jesus não está clara. A viagem a uma montanha alta foi certamente visionária, pois nenhuma montanha pode fornecer um ponto de oportunidade natural para se ver todos os reinos do mundo. Seja qual for a forma que satanás usou, seu ataque foi pessoal e sutil, e enfocou três áreas. (O jejum no qual Jesus esteve por 40 dias e 40 noites provavelmente não foi absoluto; ele deve ter se permitido beber, porém sem a ingestão de comida sólida. Isso o deixaria fraco, porém ainda vivo e alerta).

Primeiro, o diabo escolheu o testemunho que o Pai havia acabado de dar sobre Jesus (Mt 3.17) e disse, em essência, que se Jesus fosse verdadeiramente o Filho

de Deus, ele deveria demonstrar seu poder transformando as pedras em pães a fim de satisfazer sua fome. Afinal de contas, que pai faria objeção de alimento a seu próprio filho, especialmente se estivesse dentro do poder do filho adquiri-lo? Por que Deus o Pai deveria fazer objeção a isso?

A resposta de Jesus, citando Dt 8.3, mostrou que satanás estava realmente tentando encorajar Jesus a distanciar-se da noção de filiação que envolvia estrita conformidade com a palavra do Pai (Mt 4.4). A obediência a cada palavra do Pai era para Jesus mais necessária do que o alimento que sustenta.

Mas tem mais. Se Jesus tivesse usado os poderes que eram seus de direito, ele estaria desobedecendo aos comandos do Pai para ele com relação à sua missão, como visto na lição anterior. Se Jesus tivesse agido com poder a seu próprio favor, ele teria rejeitado a auto-submissão que era parte essencial de sua missão; ele não teria aprendido a obediência por meio do sofrimento (veja Hb 3.5,6 e 5.7,8).

A tentação foi semelhante àquela que seria lançada mais tarde a ele pelas multidões em Mt 27.40: “se és Filho de Deus, desce da cruz”. Quão fácil era para ele fazê-lo – mas então o próprio propósito de sua vinda teria sido destruído.

A segunda tentação mostra satanás citando e interpretando mal as Escrituras. O Velho Testamento promete que Deus irá proteger aqueles que confiam nEle (Sl 91.11,12). Portanto, se Jesus era o Filho de Deus, o maligno argumentou, ele deveria testar essa intimidade favorecida com seu Pai em relação à promessa de proteção.

Jesus não desejava entrar em disputas sobre o amor do seu Pai por ele ou a disposição e a habilidade de Deus para protegê-lo. Antes, Jesus reconheceu que por trás do desafio de satanás estava um convite para se aproximar de Deus com um tipo de chantagem emocional, um suborno espiritual retorcido. As Escrituras proíbem de modo absoluto ao crente essa conduta (Dt 6.16). O cuidado de Deus sobre o Seu povo não lhe dá o direito de tratar Deus com presunção leviana; sua atitude deve ser de confiança e de obediência (cf. Dt 6.17).

A terceira tentação foi um convite para alcançar poderes régios por um atalho, através da adoração do arqui-inimigo de Deus. Segundo satanás, Jesus poderia ganhar autoridade total sobre o mundo escapando da cruz e assumindo a idolatria. Mas Jesus reconheceu que este era o pecado mais horroroso. Ninguém pode desviar-se da lealdade irrestrita a Deus sem submeter-se ao mais negro paganismo, pois está escrito, “ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás” (Dt 6.13).

Cada tentação desafia a fidelidade de Jesus. Ele fará provisões para si independentemente da direção de Deus e recorrerá a seu poder por interesse próprio (pão)? Ele insistirá que Deus o proteja, testando Deus com respeito à proteção do Filho (templo)? O Filho abandonará o Pai e adorará outro para seu próprio lucro (reinos)?

Em cada caso, Jesus acentua sua fidelidade ao Pai quando cita Deuteronômio. Jesus mostra-se plenamente qualificado para representar a humanidade e exemplificar o caminho da vitória. Sua fidelidade é o modelo apresentado aos discípulos sob pressão, a saber, sua escolha de caminhar no caminho de Deus. Dessa forma, Jesus como nosso Mediador assume, no interesse de sua descendência eleita, as condições rompidas do antigo pacto das obras, precisamente como Adão as deixou, e vence satanás onde o anterior representante da humanidade falhou (sobre os pactos das obras e da graça, cf. Confissão de Fé de Westminster, Capítulo VII).

Observe, por outro lado, como Satanás procura minar a conexão íntima que há entre o Filho e o Pai. Jesus não cede, porque para ele o Pai é o “Senhor Deus” (duas das réplicas de Jesus usam esse título para Deus). Jesus, ao mostrar como Deus é visto, enfatiza que uma apreciação da posição única de Deus e a lealdade que aquela posição exige são as bases para resistir à tentação.

O maligno então vai embora, quando fracassa em deter o Filho. O ministério dos anjos mostra, de forma tangível, o apoio dos céus. E assim esse período de severa tentação passou. Porém essa não foi a única vez que Jesus iria confrontar e rebater as astúcias de satanás.

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ Aprendamos que temos, no diabo, um inimigo real e poderoso. Ele não temeu desfechar seus ataques nem mesmo contra o próprio Senhor Jesus. Foi por intermédio do diabo que o pecado entrou no mundo; foi o diabo quem oprimiu Jó, enganou Davi e fez Pedro cair em perigoso pecado. A Bíblia chama o diabo de homicida, mentiroso e leão que rugem, aquele que é o adversário de nossas almas, nunca dorme e nem cochila. É ele que, por milhares de anos, vem arruinando homens e mulheres, atirando-os no inferno. Ele é um ser cuja sutileza e astúcia ultrapassam toda a compreensão humana. Por isso, cumpre-nos vigiar e orar diariamente; não existe pior inimigo do que aquele que não pode ser visto e que nunca morre e que está sempre por perto. Lembremo-nos a cada dia que não somente temos que mortificar a carne e vencer o mundo, mas também resistir ao diabo (Tg 4.7).
- ✓ Convém que aprendamos, em seguida, que a principal arma que devemos usar para resistir a satanás é a Bíblia. Nas três réplicas às tentações Jesus falou: “está escrito”. Esta é apenas uma, dentre muitas razões, pelas quais devemos ser leitores diligentes das Sagradas Escrituras. A Palavra de Deus é a espada do Espírito (Ef 6.17). Jamais estaremos combatendo, como convém ao crente,

enquanto não estivermos usando a Bíblia como a nossa principal arma de ataque e de defesa. Precisamos estar familiarizados, como Jesus estava, com o conteúdo das Escrituras, com o seu texto armazenado em nossa mente e em nossa memória, como Jesus. O conhecimento bíblico nunca pode ser adquirido por mera intuição. Tal conhecimento só pode ser adquirido mediante a leitura regular, trabalhosa, diária, atenta e desperta.

- ✓ Com que tentações nós nos deparamos hoje que se assemelham às três tentações que acabamos de estudar? Olhando essas três tentações em retrospectiva, podemos perceber que, de certa forma, satanás tentou Jesus na parte “boa” do ser humano, tentando tirar a parte “má”: saborear o gosto do pão sem se sujeitar às regras fixas da fome e da agricultura, enfrentar riscos sem o perigo real e desfrutar da fama e do poder sem a perspectiva de rejeição dolorosa – em suma: usar uma coroa, mas não uma cruz. Será que as tentações as quais Jesus resistiu, muitos de nós, seus discípulos, ainda as desejamos?

- ✓ Cristo nos salvou se tornando nosso “campeão”: ele se tornou nosso substituto. É por essa razão que o Novo Testamento se refere a ele como o Segundo Adão. Ele veio ao mundo e se colocou debaixo das estipulações do pacto das obras, feito com o primeiro Adão e por este quebrado. Como o Novo Adão, Jesus de certo modo retomou a situação original de Adão e Eva no paraíso, o que foi representado no deserto. Durante toda sua vida terrena Jesus foi exposto à tentação, e é por isso que se enfatiza que somos salvos não apenas pela morte de Cristo, mas também pela vida de Cristo. Em sua vida de perfeita obediência, Cristo cumpriu todos os termos e condições do pacto de obras original, de modo que, no fim das contas, nós somos salvos por obras. Esta verdade não nega a justificação pela fé somente, mas a valida. A justificação é pela fé somente em Cristo porque Cristo somente cumpriu o pacto das obras. Nós somos sim salvo por obras, mas não pelas nossas próprias obras: somos salvos pelas obras de Cristo. Novamente: o pacto da graça não anula o pacto das obras; ao contrário, o pacto da graça cumpre, preenche os termos do pacto das obras.

ⁱⁱ Esta lição é baseada nos livros: **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); **Meditações no evangelho de Mateus**, de J. C. Ryle (Editora Fiel); **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações); **O Jesus que eu nunca conheci**, de Philip Yancey (Editora Vida); e **Uma introdução à teologia sistemática**, de R. C. Sproul (ed. Reformation Trust).